

VELOSO, Graça (Jorge das Graças Veloso). **Identities, identifications e afetos: sujeitos em espetacularidades sagracionais nas Folias do Divino Espírito Santo no Entorno Goiano do Distrito Federal**. Brasília: Universidade de Brasília/UnB. PPGCEN-PROFARTES/Departamento de Artes Cênicas/IdA/UnB; Professor Associado I. Ator, Diretor, Dramaturgo.

RESUMO

Partindo dos pressupostos da Etnocenologia, trata-se este trabalho de uma reflexão sobre as noções de identidade, identificações e afetos perceptíveis nas relações estabelecidas pelos praticantes das Folias do Divino Espírito Santo, no Entorno Goiano do Distrito Federal. São esses os sujeitos de agenciamentos produzidos na contemporaneidade de um contexto em que sobressai muito da diversidade humana que permeia o tecido social do Brasil de hoje. Traduzem diversas das sinergias, paradoxos e contradições de nosso tempo, como, por exemplo, dentre muitos outros, os conflitos ideológicos, questões de gênero e étnicas, relações sagrado/profanas, arcaico/contemporâneo, urbano/rural, tradições antigas/novas tradições. Para conhecer esses sujeitos e seus desejos de identidade, este é um estudo realizado a partir de observações dos cortejos da Folia do Alagado, no meio rural do Novo Gama (GO). Foram realizadas ainda entrevistas livres com foliões, principalmente aqueles chamados “de obrigação”, durante o giro de 2019.

Palavras-chaves: Etnocenologia; Sujeito; identidade e identificações; Afetos.

RÉSUMÉ

Partant des hypothèses de l'Ethnocénologie, cet article est une réflexion sur les notions d'identité, d'identifications et d'affect perceptibles dans les relations établies par les praticiens des Folias du Divin Esprit Saint dans l'État de Goiás, autour du District Fédéral. Ce sont les gens des relations qui se produisent à l'époque contemporaine. Ils sont dans un contexte dans lequel une grande partie de la diversité humaine imprègne le tissu social du Brésil aujourd'hui. C'est la traduction des nombreuses synergies, paradoxes et contradictions de notre temps. Nous parlons, entre autres, de conflits idéologiques, de questions de genre et ethniques, sacrés / profanes, archaïques/contemporains, relations urbaines/rurales, anciennes traditions/nouvelles traditions. Il s'agit d'une étude basée sur des observations des processions de Folia do Alagado, dans les zones rurales de Novo Gama (GO), pour connaître ces sujets et leurs désirs d'identité. Il y a également eu des interviews non structurées avec des fêtards, en particulier les soi-disant “d'obligation”, pendant la procession de 2019.

Mots-clés: Ethnocénologie; Sujet; identité et identifications; Affections

Este artigo se inicia quando estava eu num dos pousos da Folia do Divino Espírito Santo da região do Alagado, no meio rural da cidade de Novo

Gama, cidade do entorno goiano do Distrito Federal, que fica a aproximadamente quarenta quilômetros de Brasília. Eu, tendo me tornado mais um folião nos cortejos que se repetem todos os anos por fazendas e sítios que incluem os municípios de Santo Antonio do Descoberto e Luziânia, já acreditava não ter mais o que escrever sobre a manifestação. Já havia produzido uma tese de doutoramento, depois transformada no livro *A Visita do Divino* (2009), outro livro, *Bendito Divino Consagrado: velhos mestres e novos foliões* (2018), escrito durante meu estágio pós-doutoral, e um sem número de artigos, tratando de diversos aspectos do giro. Naquele dia, durante um dos diversos cantorios, olhando para os rostos de crianças, jovens, homens e mulheres de todas as idades, anônimas e anônimos, comecei a me perguntar: quem são estas pessoas? Estava então estabelecido o ponto de partida para mais este estudo.

Mesmo já tendo tratado das questões identitárias em outros momentos de minhas pesquisas sobre as espetacularidades presentes na procissão, como gostam de falar os participantes, aquele, porém, era outro momento. A Folia do Alagado havia passado por transformações muito significativas¹ e sempre que eu olhava para o grupo era como se eu soubesse cada vez menos sobre elas e eles. Assim, trata-se este trabalho de uma reflexão sobre, principalmente, quem são os fazedores e as fazedoras daquela que é a manifestação sobre a qual me debruço em pesquisas desde meu doutorado, concluído em 2005, no Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC, da Universidade Federal da Bahia – UFBA. E ali, durante aquele pouso, em 2019, comecei a indagar a todos e todas quem são aquelas pessoas.

Fosse eu pensar pelas perspectivas teóricas de Stuart Hall, eu teria enveredado pelos caminhos da compreensão de que aquele seria mais um grupo de sujeitos descentrados em suas identificações transitórias. São teorias com as quais concordo genericamente, quando pensadas para os meios

¹ Desde 2017, por decisão de suas lideranças, os pousos da Folia do Alagado não oferecem mais as festas de dança, como eles dizem. São restritos aos chamados “agasalhos”, que se caracterizam somente pelo que enxergam como a parte sagrada, que vai do cantorio de chegada, no cruzeiro de entrada da morada, cantorio do altar, jantar, bendito de mesa, as “rezas”, geralmente um terço ou, muitas vezes, a ladainha cantada, e o catira. Depois do catira o grupo está liberado para dormir ou para passar a noite em volta das fogueiras, geralmente com música e muita bebida alcoólica.

urbanos, nos espaços do que se convencionou chamar de cultura ocidental. Por esse caminho, eu poderia refletir aqui sobre um pensamento que colocaria os sujeitos da pós-modernidade num agenciamento relativista de que “eu não sou assim, mas enquanto estou aqui, agora, eu estou assim”. Hall nos leva a falar que, às vezes, um mesmo indivíduo participa, simultaneamente, de diversos agrupamentos de identificação. E com a mesma entrega que ele teria se pertencesse somente a um. Ele diz:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2001, pp. 12-13).

Existe, porém, outra maneira de falar dos patrimônios identitários de nossos tempos. O sujeito contemporâneo visto por Hall é aquele dos centros urbanos de maior concentração e que não se localiza em grupos em que, politicamente, ainda é muito importante a defesa de uma identidade centrada nas demandas urgentes de seus pares.

Em tempos de lutas decolonialistas, é absolutamente necessária a defesa de identidades étnicas, sejam elas de quilombolas, de povos da floresta ou mesmo de negras e negros de quaisquer extratos sociais. Somente para citar as questões de diversidade de etnias, são incontáveis as formas de subalternização, silenciamento e invisibilização de negras e negros advindas dos racismos estruturais que acompanham a sociedade brasileira desde a invasão portuguesa no Século XVI. Passando pela diáspora escravagista dos tempos seguintes, das diversas formas de segregação que perduraram ao longo dos anos, nos deparamos ainda, mesmo em 2019, com as mais cruéis estratégias de docilização e submissão impostas a esses grupos de convivência. Claro está que nunca sem fortes e significativos movimentos de resistência, em todas as épocas.

Quero falar aqui, inicialmente nesta parte de meus pensamentos, da realidade avassaladora que nos atropela. Segundo estatísticas divulgadas nestes fins da segunda década do terceiro milênio, mais de $\frac{3}{4}$ (três quartos) das mortes por assassinato no Brasil são de negros e negras, principalmente

jovens. Isso conforme publicações da grande mídia sobre dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA².

Isso ainda sem citar diversos outros índices que atestam o racismo estrutural deste nosso tempo, como, por exemplo: em torno de 75% (setenta e cinco por cento) das vítimas de atuação letal da polícia são desse extrato étnico; no quesito salarial, esse grupo ganha, em média, R\$ 1.200,00 (hum mil e duzentos reais) menos que brancas e brancos. Se nos debruçamos sobre qualquer índice comparativo, essa brutalidade salta aos olhos. E para falar somente da população negra, já que, inúmeros outros grupos que demandam narrativas identitárias sofrem do mesmo mal.

O Brasil é o lugar em que mais são assassinadas pessoas do universo LGBTQI+, recrudesce o genocídio praticado contra os povos da floresta, que tem lideranças mortas em conflitos pela ocupação de seus territórios, inclusive os demarcados legalmente. É assustador o número de mulheres vítimas de feminicídio por todo o país, além de outras inúmeras violências contra o feminino. E outros, e outros e outros exemplos poderiam ser citados para demonstrar o quanto vivemos a cruel realidade de um país onde o que impera é a regra da exclusão e da segregação impostas por hierarquias herdadas de uma colonização absurdamente desumanizadora. Isso quando falamos de humano não no sentido antropocêntrico, vindo do colonizador, mas numa percepção mais ampla e complexa, holística, conforme podemos aferir em diálogos com pensadores nativos, como Aílton Krenak (2019) e Davi Kopenawa (e ALBERT, B. 2015). Escutar esses povos se afirmarem como defensores de identidade é o mínimo que temos a obrigação de fazer, reconhecendo que foram vozes silenciadas por séculos, em verdadeiros epistemicídios estruturantes de uma sociedade racista.

Então, os discursos de defesa de identidades de grupos distintos da sociedade, principalmente aqueles que se consideram subalternizados, ainda

² Dados do IPEA, IBGE e Anuário Brasileiro de Segurança Pública, disponíveis em:

<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,75-das-vitimas-de-homicidio-no-pais-sao-negras-aponta-atlas-da-violencia,70002856665>.

<https://exame.abril.com.br/brasil/os-dados-que-mostram-a-desigualdade-entre-brancos-e-negros-no-brasil/>

são demandas perfeitamente legítimas. Não podem, segundo minha percepção de mundo, simplesmente deixar de ser consideradas em nossas reflexões acadêmicas. Assim, ao conviver com os sujeitos que fazem das práticas sagracionais das folias uma maneira de defender uma identidade própria, reconheço totalmente seus lugares de fala como mecanismos de autodefesa e preservação de seus espaços de pertencimento.

Em minhas pesquisas sobre esses foliões, tenho percebido que diversas comunidades rurais, do mais amplo espectro cultural, sofrem do mesmo silenciamento. Por não terem produzido, historicamente, discursos de autodefesa como muitos outros, urbanos, continuam sendo tratados por uma perspectiva caricatural. Para se constatar essa realidade, basta fazer uma pequena pesquisa sobre muitas produções midiáticas que continuam tratando personagens caipiras ainda como os antigos Jecas da literatura, da música e do cinema. São figuras totalmente desconectadas da realidade atual.

Mas, como em todos os espaços em que existe uma subalternização estrutural, também aqui surgem resistências. E essas resistências sempre surgem a partir de uma fala de defesa de identidades. Sejam elas quais forem. Falar de identidades, para esses agrupamentos, é reafirmar espaços de pertencimento, práticas, muitas vezes inventadas exatamente para isto: ter algo a que possa reafirmar seu sentimento de pertença, de que faz parte. E assim eu percebo muito do que nos fala o folião do Divino Espírito Santo, pelo menos aqueles com quem eu tenho convivido nos últimos tempos.

Então, naquele primeiro impulso de curiosidade citado no início destes escritos, me aproximei de Antonio Geraldo Souto, o Seu Geraldo para o grupo, e perguntei: quem são essas pessoas? Imediatamente ele respondeu: “Jorge, pra mim são pessoas de fé, seguidores da Divindade”. A mim, porém, parecia muito simples, muito óbvia a resposta. “Mas quem são eles, Seu Geraldo? O que fazem fora daqui?” eu insisti. Olhando à distância, todos e todas eram muito parecidas e parecidos entre si. Todos e todas pessoas comuns, no sentido francês de “l’homme ordinaire”, já anteriormente tratado por mim, quando nas minhas pesquisas para o doutoramento:

[...] compreendo como pessoas comuns, e assim as trato no âmbito deste livro, os homens e mulheres que se juntam em agrupamentos que visam uma rotina, ou um determinado evento, em que não prevalecem as qualidades cotidianas de cada um. Vislumbro, assim, aquelas práticas e comportamentos em que as pessoas se destituem

do que as fazem conhecidas ou reconhecidas no dia a dia, para se juntarem em inter-relações estabelecidas em subversões ou ausências das hierarquias convencionadas nas tradições sociais em que estão inseridas (VELOSO, 2009, p. 16).

E Seu Geraldo respondeu, depois de um tempo pensando: “é gente de todo tipo. Aqui tem de peão a doutor. Trabalhador rural, comerciante, fazendeiro, funcionário público, gente de todo tipo... Mas tem uma coisa... agora então, que num tem mais a festa, são todos devotos. Gente religiosa. Antes vinha muito cata-pouso³, gente que não tem nada a ver com religião. Agora eles sumiram, sabe que num tem mais festa, desapareceram”.

É constatável, porém, uma prevalência nas características dos foliões atuais: ao contrário do que acontecia até mais ou menos uma década atrás, existe um número muito grande de jovens, crianças e adolescentes nos giros. Quando de meu primeiro contato com o grupo, em 2003, era clara a presença de uma maioria de pessoas adultas e idosas, principalmente nas chamadas funções de obrigação. E a quase totalidade era do sexo masculino, com exceção de um pequeno grupo de catireiras. Já no giro de 2019, mesmo sem as “festas de dança”, como falam, esses números se inverteram. São muitos jovens, crianças, e muitas mulheres, como caixeiras, catireiras, violeiras, contraguias e diversas outras funções.

Outra característica marcante é o sentido de hereditariedade que tem a folia. Muitos e muitas participantes do cortejo são filhas e filhos de velhos foliões, aqueles que conheci adultos, em 2003. Vários são os depoimentos desses e dessas seguidoras e seguidores da bandeira. Como Robson Vasques Nunes, que diz: “Meu pai sempre foi desse ramo de fulia, então desde que eu nasci eu já ia, minha mãe me levava no colo... eu nasci e cresci no meio da fulia”. Ou o caso de Wesley, que conta que por causa do pai folião “eu giro a fulia desde meus dois anos de idade. A fulia pra mim é tudo, devoção e alegria”. E ainda Renata, que fala: “Desde que me entendo por gente eu me lembro das folias. Meu pai sempre foi folião, barraqueiro, alfer, sempre deu pouso, então eu sempre ficava olhando os tocador. Fui aprendendo só de olhar, fui experimentando. Aí hoje eu toco caixa, carrego a bandeira, mas eu sonho mesmo é ser guia”.

³ Cata-pouso é a denominação que os foliões dão àquelas pessoas que só aparecem à noite nos pousos em busca de festa e diversão.

Tem ainda o caso de Dayane, que apresenta em seu depoimento um surpreendente ar de naturalidade por ocupar as funções de obrigação nos giros das diversas folias que participa:

Eu nunca tinha visto ninguém bater [a caixa]. Aí, depois que eu comecei bater eu já vi algumas mulheres. Mas são poucas. Eu assim na folia, a única coisa que eu não faço, que eu nunca fiz, foi tocar... tocar violão e viola eu não sei não, mas eu já ajudei cantar, já fui procuradora, já fui alfer, catireira e caixeira. Tenho 25 anos... desde criança, a partir daí que eu comecei a fazer, 12 anos mais ou menos, vou fazer 26, com onze, doze anos, a partir daí que eu comecei. Meu nome Dayane Aparecida... do Espírito Santo (Dayane, entrevista, maio de 2017).

São jovens, estudantes, na casa dos 20 anos, que se juntam a Mestre Evandro, 78, lavrador, Romeri, 43, gerente de empresa de máquinas de terraplenagem, Vandil, 45, trabalhador rural, Rodrigo, pequeno empresário, Seu Geraldo, fazendeiro e Renato, médio empresário do setor da construção civil. Todos e todas, juntamente com engenheiros, peões de boiadeiro, maquinistas, comerciários, servidores públicos, mais tantos outros e tantas outras, se solidarizam para fazerem a Folia do Alagado há pelo menos cinquenta anos, com a mesma força e capacidade de permanência dos tempos iniciais.

Ouvindo o depoimento de cada participante da manifestação, alguns pontos de conexão se sobressaem. É comum, na fala da totalidade, o sentido de adoração à Divindade e o princípio de comunidade, presentes, para eles e elas, em cada gesto, em cada ação. E, principalmente, a defesa do significado de tradição e cultura que vislumbram em suas práticas. Se perguntarmos a cada participante o que estão fazendo aqui, a resposta será quase invariável: “eu estou aqui por causa da Divindade, que sou devoto. Pra ajudar a fazer essa cultura, que é nossa tradição, e por causa dos companheiros. Que tem gente aqui que a gente só encontra de ano em ano, nas folias”.

Não posso deixar de ressaltar, sempre, que são pessoas que consideram que estão fora dos círculos das elites, sejam elas de caráter intelectual, econômico, religioso, de escolarização ou mesmo qualquer outro referencial que se queira utilizar para vê-los nas escalas de hierarquias de nossa sociedade. Em outras palavras, mesmo que estejam inseridas nas hierarquizações convencionadas nas tradições sociais cotidianas, aqui, nas folias, são somente homens e mulheres, pessoas comuns. São aquelas e

aqueles que comungam uma prática sagrational que coloca a todos e todas no mesmo lugar de protagonismo e visibilidade de foliões e folionas do Divino Espírito Santo. Sejam de obrigação ou não, assim se tratam e assim se percebem. Como um grupo de pessoas de fé, de devoção, criando ou mantendo espaços de resistência, onde se fazem protagonistas de seus desejos, ou de pertencimento, onde idealizam e defendem suas próprias identidades.

Referências

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2001.

KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. **A queda do Céu**: Palavras de um Xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Aílton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

VELOSO, Jorge das Graças. **A visita do Divino**: voto folia festa espetáculo. Brasília: Thesaurus Editora, 2009.

<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,75-das-vitimas-de-homicidio-no-pais-sao-negras-aponta-atlas-da-violencia,70002856665>